OPEN ACCESS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PUCRS

LETRAS DE HOJE
Studies and debates in linguistics, literature and Portuguese language
Letras de hoje Porto Alegre, v. 59, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2024
e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2024.1.45837

DOSSIÊ: IMAGINAÇÕES DO ANTROPOCENO NA LITERATURA

Da *A extinção das abelhas* ao caos: Reflexões sobre a dimensão ecoqueer da ficção brasileira contemporânea

From 'A extinção das abelhas' to chaos: Reflections about the ecoqueer dimensions of Brazilian contemporary fiction

De la 'Extinção das abelhas' al caos: Reflexiones sobre la dimensión ecoqueer de la ficción brasileña contemporánea

Mariana Mota Lopes[1]
orcid.org/0009-0000-1011-5694
mariana_mota_lopes@brown.edu

Recebido: 10 mar. 2024.
Aprovado: 12 mai. 2024.
Publicado: 27 ago. 2024.

Resumo: A angústia que temos sentido nos últimos anos, com o turbilhão de informações relacionadas ao caos não só climático, mas político, econômico e social, tem (potencialmente) resultando no aumento de publicações sobre o colapso generalizado. Especulando sobre o futuro do que entendemos como planeta e as múltiplas compreensões de mundos, diverses autores têm usado a ficção como ferramenta — ou escape — para propor possibilidades de um porvir. Nesse sentido, cabe questionar que formas de criar e pensar as relações entre existências tornam possíveis imaginários futuros; e de que modo pensar sobre afeto e cuidado, sob uma perspectiva queer pode oferecer horizontes futuros frutíferos. Em *A extinção das abelhas* (2021), Natalia Borges Polesso reflete sobre os limites desse caos e a viabilidade de novos arranjos afetivos nas ruínas. A partir da análise literária deste texto, sob a ótica da Ecologia Queer, em conversa com autoras como Catriona Sandilands, Greta Gaard, and Donna Haraway, busco explorar novas configurações de mundos, fora dos binarismos, tensionando hierarquias de espécie, gênero, sexualidade, classe, geografia e raça. Assim, o que busco é afirmar a ficção — e a literatura — como uma ecologia queer ao mostrar sua ação como potencializadora dimensional das cadeias que compõem as complexas relações interespécie, sendo capaz de fertilizar as práticas correntes de *world-making* (PRATT, 2022).

Palavras-chave: ecoqueer; caos; afeto; ficção; futuros.

Abstract: The anguish we have been feeling in recent years, with the whirlwind of information related not only to climate chaos but also political, economic, and social turmoil, has (potentially) resulted in an increase in publications about widespread collapse. Speculating about the future of what we understand as the planet and the multiple understandings of worlds, several authors have used fiction as a tool — or escape — to propose possibilities for the future. In this sense, it is worth questioning what forms of creating and thinking about relationships between existences make future imaginaries possible; and how thinking about affect and care, from a queer perspective, can offer fruitful future horizons. In *A extinção das abelhas* (2021), Natalia Borges Polesso reflects on the limits of this chaos and the viability of new affective arrangements in the ruins. Through the literary analysis of this text, from the perspective of Queer Ecology, in conversation with authors such as Catriona Sandilands, Greta Gaard, and Donna Haraway, I seek to explore new configurations of worlds, outside of binaries, by challenging hierarchies of species, gender, sexuality, class, geography, and race. Thus, what I seek to affirm is fiction — and literature — as a queer ecology by showing its action as a dimensional enhancer of the chains that make up the complex interspecies relations, being capable of fertilizing current practices of *world-making* (PRATT, 2022).

Keywords: ecoqueer, chaos, affect, fiction, futures

Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

[1] Brown University, Providence, Rhode Island, EUA.

Resumen: La angustia que hemos sentido en los últimos años, con el torbellino de información relacionada no solo con el caos climático, sino también político, económico y social, ha resultado (potencialmente) en un aumento de publicaciones sobre el colapso generalizado. Especulando sobre el futuro de lo que entendemos como planeta y las múltiples comprensiones de mundos, varios autores han utilizado la ficción como herramienta — o escape — para proponer posibilidades de un porvenir. En este sentido, cabe preguntarse qué formas de crear y pensar las relaciones entre existencias hacen posibles imaginarios futuros; y de qué manera pensar sobre afecto y cuidado, desde una perspectiva queer, puede ofrecer horizontes futuros fructíferos. En *A extinção das abelhas* (2021), Natalia Borges Polesso reflexiona sobre los límites de este caos y la viabilidad de nuevos arreglos afectivos en las ruinas. A partir del análisis literario de este texto, desde la óptica de la Ecología Queer, en conversación con autoras como Catriona Sandilands, Greta Gaard y Donna Haraway, busco explorar nuevas configuraciones de mundos, fuera de los binarismos, tensionando jerarquías de especie, género, sexualidad, clase, geografía y raza. Así, lo que busco es afirmar la ficción — y la literatura — como una ecología queer al mostrar su acción como potenciadora dimensional de las cadenas que componen las complejas relaciones interespecie, capaz de fertilizar las prácticas corrientes de *world-making* (PRATT, 2022).

Palabras clave: ecoqueer; caos; afeto; ficción; futuros.

no mundo desdobrável
os seres
são e não são
são e são
são ou não são
sim e não
sãos e salvos
e nessa contração
a noite se ilumina

(SAAVEDRA, 2021, p. 199)[2]

> Em três meses, de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, pouco mais de quinhentos milhões de abelhas foram encontradas mortas por apicultores apenas em quatro estados brasileiros, de acordo com um levantamento da Agência Pública/ Repórter Brasil. Foram quatrocentos milhões no Rio Grande do Sul, sete milhões em São Paulo, cinquenta milhões em Santa Catarina e quarenta e cinco milhões em Mato Grosso do Sul, segundo estimativas de associações de apicultura, secretarias de agricultura e pesquisas realizadas por universidades. O número de abelhas mortas triplicou nos anos seguintes, tornando-se um dos principais indicadores de monitoramento do colapsômetro. Mas ninguém fez nada a respeito. Só observavam as luzes dançando para cima e mais para cima. Até que elas explodiram. (POLESSO, 2021. p. 216)

Já faz algumas décadas que a compreensão que temos da nossa realidade é perpassada por e conectada com o cenário de caos climático. Dentre os esforços reunidos para enfrentar, ou ao menos, perturbar e criar formas de conviver com essa realidade, surgiram teorias ao redor do que chamam Antropoceno, Capitaloceno (MOORE, 2016), ou Plantationoceno[3], de modo a nomear e, assim, compreender as ações e reações nos nossos arredores. Naturalmente, junto dessas investidas elaborativas, um turbilhão de produções culturais multimodais também formou uma efervescência criativa de modos de pensar esse caos, ao qual se refere o trecho em epígrafe, retirado do romance de Natalia Borges Polesso.

Pensar um caos não implica necessariamente uma compreensão temporal. Diferente do que acontece com as noções de crise, colapso, ou emergência. A ideia por trás do caos é totalmente desprendida de uma compreensão da nossa realidade como um período "de exceção", de quebra de uma normalidade anterior e futura a ser buscada. Caos tampouco exprime uma relação espacial — apesar de poder ser implicada nesse sentido, de algum modo. Isso porque se relaciona mais com uma forma de preencher as lacunas das compreensões espaço-temporais do que uma forma de descrever ou qualificá-las.

Portanto, aqui, a noção de caos será privilegiada em relação a outras possíveis compreensões da realidade ecológica em que nos colocamos. Isso por pensar que, enquanto conceitos dimensionais, tempo e espaço tornam-se limitantes do alcance da ficção. E, porque o caminho que pretendo percorrer nesse ensaio tem a ficção como origem, destino e percurso, quaisquer possibilidades de limitações de alcance serão evitadas. Por outro lado, o paradoxo implícito na

---

[2] O poema de Carola Saavedra, publicado em seu livro *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim* (2021), dividido por estrofes, perpassa todo este ensaio. A ideia aqui é oferecer ao leitor um pouco da perspectiva do "mundo desdobrável": um mundo que não só se desdobra em muitos, mas que, ao fazer isso, oferece acesso a novas perspectivas plurais e multiespécie. Usar o gênero poesia é generativo porque fertiliza os caminhos para uma aliança interdisciplinar, pluriforme, caótica, multilíngue e, talvez — com o risco de extrapolar— *queer*/cuir, além de se alinhar com a proposta do caos, propondo-o como forma, mais do que conceito.

[3] HARAWAY, Donna; ISHIKAWA, Noboru; GILBERT, Scott; OLWIG, Kenneth; TSING, Anna; BUBANDT, Nils Ole. *Anthropologists Are Talking - About the Anthropocene. In:* Ethnos, v. 81, n. 3, 2016, p. 535-564.

noção de caos é justamente o que quero abraçar com essa proposição. Um caos não implica início e nem fim, não se ancora num passado ou num futuro, tampouco nas noções de esperança ou de crise, porque não se coloca numa binaridade contra uma normalidade, mas se propõe como uma realidade em si. É com essa percepção que me alio, e é ela que uso como ferramenta para pensar a ficção como instrumento a serviço de uma outra realidade.

Desse modo, o caos que busco é um caos criativo, um caos elaborativo de mundos e mundos, especialmente quando incorporado à ficção. Isso porque, junto a diverses teóriques, como Lawrence Buell (2001), Ursula K. Le Guin (2016), Jon Shaw e Theo Reeves-Evison (2017), compreendo que a ficção se destaca diante de outras expressões culturais por sua capacidade de produzir torções, desmantelamentos, transformações, emaranhamentos, contingências e assim — de modo não a se opor à realidade, mas a ampliá-la e escapá-la — ativar novas e outras possibilidades de existências.

Ao propor conexões e interposições entre seus interlocutores, a ficção consegue, ao seu modo, transportar e transferir os mundos e as experiências narradas — e imaginadas — para uma realidade que, mesmo que fisicamente impossível, passa a existir naquele momento, o que é capaz de afetar diretamente as compreensões do mundo físico, tornando-o mais ou menos precioso, ameaçado, descartável ou estimado (BUELL, 2001). São formas de criar ficções, ao tensionar as relações interespécie ao longo, através e a partir das, e junto com as ecologias planetárias-ambientais que são capazes de alcançar o novo, de ampliar o que entendemos da nossa e de outras realidades. E, sendo esse o nosso meio-objeto de leitura aqui, proponho uma análise literária de uma produção ficcional que, dentre outras, torna-se interessante para o que investigo.

Em suas três partes, *A extinção das abelhas* (2015), livro de Natalia Borges Polesso, produz justamente essa quebra com a realidade e a reconstrução de uma nova a partir das interconexões, isso sem se propor a organizar o caos. Na verdade, é a partir deste que o livro parece funcionar, tendo em sua segunda parte, inclusive, de algum modo, um narrador-caos.

O que busco aqui, mais do que observar o alcance da — e dessa — ficção para a proposição de novas formas de planetariedade, é, à luz das teorias ecoqueer, incorporar uma noção de queeridade a esses novos mundos ficcionais, afirmando, assim, uma futuridade completamente desprendida de uma cis-heteronormatividade, o que capacitaria um maior alcance dessas teias de relações entre e interespécies.

> *no mundo desdobrável*
> *tudo*
> *fala*
> *se inscreve*
> *na areia*
> *em pequenas estrelas*
> *cadentes*
> *que o mar levou*
>
> (SAAVEDRA, 2021, p. 200)

Aqui, aos corpos desobedientes de gênero e dissidentes sexuais/queer/cuir, serão oferecidos os lugares centrais, uma vez que compreendo suas — nossas — existências como propositivas de interferências, emaranhamentos e rupturas com o mundo físico. Isso porque, para que possamos existir, total e verdadeiramente, é necessário que haja, de algum modo, um fim do mundo (pelo menos do mundo no qual estamos, onde a dissidência e desobediência gênero-sexual são representantes das maiores ameaças ao estabelecimento dos projetos hegemônicos de futuro), mesmo que não venha a haver um novo começo-porvir (MOMBAÇA, 2021).

Nesse sentido, compreendo queeridade como conceito e definição aplicável não apenas a corpos ou gentes, mas a todas as existências, sejam vivas ou não. Queer /cuir, aqui, emprega uma existência desapropriada de quaisquer binarismos, de qualquer definição dicotômica, não necessitando e nem evocando, assim, qualquer identificação — mas a estranheza, o deslocamento — preenchendo lacunas: "nem isso, nem aquilo", nada e tudo. E, por isso, o que busco é

uma análise ecoqueer: por nela encontrar o que compreendo como necessário para quaisquer proposições de novas possibilidades de existências: amplitude, possibilidade, experimentação.

Observar queeridade para além das interseções de sexualidade e gênero humanas possibilita, desse modo, uma ampliação dos interesses para com o meio ambiente. Enxergar queeridade na natureza é naturalizar as dissidências e compreender as intersecções entre as sexualidades e compreensões de gênero e dos ecossistemas, possibilitando práticas que desvirtuem as articulações discursivas cis-heteronormativas e novas imaginações, complexificando biopolíticas sob o olhar da teoria queer (MORTIMER-SANDILANDS, 2010). Assim, no sentido de relacionar as dissidências gênero-sexuais com os ecossistemas e ecologias, Rachel Stein (2004) defende que:

> Ao analisar como discursos sobre a natureza têm sido usados para reforçar a heteronormatividade, para policiar sexualidade, e para punir e excluir as pessoas que têm sido julgadas como sexualmente transgressivas, nós podemos começar a entender as profundas, estruturais comunalidades entre as lutas contra a opressão sexual e outras lutas por justiça ambiental (STEIN, 2004, p. 7, tradução livre)[4]

Uma análise literária ecoqueer compreende as múltiplas teias de relações interespécies como ecologias, permitindo observá-las com um olhar abrangente, conciliador, conector e possibilitador de existências — queer. Nessa linha, pensar o caos sob a perspectiva ecoqueer nos permite admitir que possibilidades de formas de existência nas múltiplas alternativas de realidade interconectadas aleatoriamente podem transpor os limites sociais do que é considerado natural. O caos que surge, então, é um caos que, para além de não se conformar com os limites tempo-espaciais correntes, não se inscreve dentro de quaisquer noções de binaridade. Pensando nisso, *A extinção das abelhas* torna-se especialmente interessante.

> *no mundo desdobrável*
> *o corpo habita os rios*
> *lava*
> *estende*
> *a alma dos mortos*
> *no varal*
> *depois*
> *descansa*
> *ao sol*
>
> (SAAVEDRA, 2021, p. 201)

Ao longo do livro, principalmente na primeira parte, as histórias da protagonista, Regina, e de sua mãe, Guadalupe, são entrelaçadas juntamente com suas relações interpessoais com amigues, familiares, companheires humanes e não humanes — a exemplo da gata Paranoia, com quem Regina compartilha as ansiedades e angústias, além da convivência afetuosa e cooperativa recíproca. Características estas, que podem ser observadas no trecho seguinte:

> Me levantei pra fechar a janela, tomar a água, fazer as coisas, mijar. Deixei a cortina aberta. Queria ver o céu. A noite preta. O poste. Queria ouvir o cachorro, o ônibus quando a manhã chegasse, algum carro perdido, alguma vizinha saindo cedo, qualquer coisa que não fosse a minha própria respiração, que não fossem meus próprios pensamentos. Meu sangue e meus fluidos correndo por dentro. Paranoia não estava na cama, mas tive certeza de tê-la visto em cima da estante. Patas brancas pra cima, dormindo profundamente, a ponto de despencar. A ponto de se esborrachar no chão. Como se nada mais importasse a não ser dormir com as patas para cima. Mas Paranoia jamais cairia mal. Atrás da porta, uma luz fenomenal, minha mãe andando pelo deserto, minha mãe fazendo uma cabana numa floresta, minha mãe escalando o Everest, minha mãe observando o Perito Moreno. Eu sempre a fazer uma fotografia à distância, segura. Um bloco de gelo despencando sobre nós e (não vi amanhecer) (POLESSO, 2021, p. 68 e 69)

Nesse trecho, é possível observar não apenas a evidente complexa relação de Regina com a gata com quem convive ao longo de muitas partes do livro, mas a forma como a presença da mãe, Lupe, mesmo que nunca fisicamente, é sempre uma constante na vida da filha. Além disso, nota-se como as paisagens, no texto, não servem somente para dar vida ao cenário, ou

[4] "By analyzing how discourses of nature have been used to enforce heteronormativity, to police sexuality, and to punish and exclude those persons who have been deemed sexually transgressive, we can begin to understand the deep, underlying commonalities between struggles against sexual oppression and other struggles for environmental justice" (STEIN, 2004, p. 7).

como pano de fundo para os acontecimentos narrados. Mais do que isso, paisagens imaginadas como o *Everest*, uma cabana na floresta, lugares onde Lupe supostamente pode ter estado na imaginação de Regina, bem como paisagens dos arredores das personagens, como uma rua deserta e cheia de lixo, um quintal abandonado com mato alto, um céu com dois sóis, ou um rio ao longe, dão tom à narrativa e parecem interagir com as mulheres. A depender do ambiente ou de com quem interagem no momento descrito, as personagens parecem adaptar-se às novas condições de tempo, espaço, clima, ou relevo, de modo a provocar, ne leitore, a impressão de que as relações transpõem os limites humanos, já que são evidenciadas as trocas entre as múltiplas formas de vida caracterizadas na estória.

Ainda que não seja tão claro nas três partes do livro, o emaranhado de teias conectivas entre e interrelações é algo muito singular no texto porque ultrapassa a narrativa, transformando a própria forma do texto. Um exemplo disso é o modo como os capítulos da primeira parte terminam com frases inacabadas, que só são concluídas no capítulo seguinte, como títulos. Assim, além da conexão efetiva entre os parágrafos, a impressão de que o texto passa é a de que, mesmo que os capítulos intercalem entre a história de Regina e a de Guadalupe — a primeira, não seguindo uma ordem cronológica, em contraste com a outra — essas histórias se conectam para além da relação biológica entre as personagens.

> *no mundo desdobrável*
> *nossos passos*
> *rítmicos*
> *cíclicos*
> *murmuram*
> *ao longe*
> *folhas mortas*
> *outonais*
>
> (SAAVEDRA, 2021, p. 202)

"As pessoas vão embora, e isso é uma realidade" (p. 11), mas há quem fique também, há quem escolha ir, mas não se distancia, há quem fique, mas não esteja realmente lá. As teias dos afetos e das afetividades, nesta narrativa, são montadas experimentalmente seguindo linhas aleatórias no caminho entre ficção e realidade, sem se inclinar necessariamente a uma ou outra. As relações que tanto Regina quanto a mãe constroem e escolhem cultivar — também as que mantêm as alianças coletivas para enfrentar o caos — rompem com a dinâmica familiar biológica e patriarcal, mas também com as limitações humanas: não é só com Paranoia que a personagem se relaciona, as relações com o planeta, com o ambiente, com os espaços são centrais. O que o livro faz, de fato, é colocar os laços afetivos e as teias conectoras de relações como possibilidades de permanência diante do fim, como demonstrados no trecho a seguir:

> — Eu imaginava que no fim do mundo a gente teria que sobreviver, que a gente teria o objetivo de se manter vivo. Mas não. Honestamente? Eu já não sei se continuar viva é bom. A gente tá viva, mas não existe mais nada de nada do que a gente sabia do mundo.
>
> — Existir, existe, né, Regina. A gente é que não pode participar. E sempre foi assim. Só que não a esse ponto. Não pra nós.
>
> Isso até pode ser uma coisa boa, a gente não fazer parte do que eles chamam de mundo.
>
> — Sim, eu sei, mas desse jeito? É diferente agora. Pra quem se recorre?
>
> — Não sei. Acho que é a gente pela gente, como dizem. Outra vida. Uma que não fomos capazes de imaginar. Agora é olhar os sinais, as evidências e tentar não cagar fora do penico dessa vez.
>
> — Isso não te deixa mais aflita?
>
> — Um pouco.
>
> — Mas fazer o quê, né?
>
> — Não morrer. Encontrar as outras. Achar um sentido. Buscar alguma coisa, alguém. (POLESSO, 2021, p. 276)

Numa composição de cartografias sem fronteiras, no romance, há um constante trânsito caótico no espaço e no tempo, comprimindo-os ou alargando-os, reconstruindo-os sob perspectivas plurais, arrumando de formas distintas as mesmas estrelas no céu, segundo processos críticos da sequencialidade causal de eventos, da temporalidade, da não-linearidade e da (não) compreensão das identidades individuais e coletivas. E, assim, conectadas pelos afetos múltiplos e embaraçados, as personagens seguem em direção a uma outridade coletiva composta por humanes e outres que não humanes. Futuridade,

neste texto, não diz respeito a um futuro linear, a algo que segue o presente, mas a um direcionamento de apontamento, de busca por um porvir.

Pensando sobre os afetos, entendo ser frutífera uma conversa contínua com a ecologia queer. Nessa linha, com uma perspectiva ancorada num pensamento feminista, marxista, e psicanalítico, Kyle Bladow e Jennifer Ladino (2018) elaboram o conceito de Ecocrítica Afetiva (*Affective Ecocriticism*; tradução minha). A partir da compreensão de que as humanidades ambientais, ao buscarem por novas — e mais convincentes — formas de abordar as conexões entre justiça social e ambiental, podem encontrar, nas teorias dos afetos, novos caminhos a partir do olhar atento às intersecções afetivas, propondo uma nova atmosfera política de bolhas, divisórias, polarizações aparentemente enraizadas (BLADOW; LADINO, 2018). Nesse sentido, as emoções podem permitir uma ampliação do alcance da ecocrítica, de uma microescala individual para a macroescala planetária. Para as duas pesquisadoras:

> Emoções podem ser distinguidas entre conscientemente interpretadas ou afetos narrados — "sentimentos que encontraram equivalentes exatos em palavras" [...]
>
> Nós devemos tomar conta das nossas vidas afetivas em termos mais cuidadosos na medida em que buscamos um mundo mais justo e sustentável. Se afeto é algo imprevisível — um "porvir" com infinitas possibilidades — então projetos futuros para pesquisa em estudos afetivos não são apenas animadores, mas ilimitados. Qualquer direção que eles sigam, o que sugerimos é que esses estudos futuros procedam tendo os ambientes em mente. Certamente, compreender como afetos funcionam — nos indivíduos e entre espécies, assim como dentro e através de vários ambientes, gêneros e escalas — é um projeto mais urgente do que nunca. (tradução minha; BLADOW; LADINO, 2018. p. 22)[5]

No romance de Polesso (2021), os afetos são chave para compreender o mundo. Afetos positivos, como amor, esperança, otimismo, prazer e companhia são evocados de modo a provocar a compreensão macroescalar das relações:

> Paranoia me acompanha. O bicho está sempre comigo. É muito ansiosa. Assustada. Qualquer barulho a faz esbugalhar os olhos e procurar alguma sombra, um rastro. Somos quase uma. A simbiose perfeita do delírio. Eu, desengonçada demais. Como se ela fosse capaz de corrigir o meu desequilíbrio. Uma mulher que é um bicho. Medrosa. Uma coisa avançada demais, uma mutação que ninguém foi capaz de prever: a mulher de quarenta anos; felinos em geral; orangotangos; ciborgues. (p. 204)

Na mesma escala que os afetos positivos, os negativos — como medo, ansiedade, decepção, impotência, ou fadiga — elaboram o macro a partir dos sentimentos individuais, manipulados por uma rede de controle imperial-capitalista-colonial:

> Aí a gente vive no medo, Regina. Não é nem com medo, é no medo, enfiado no medo. Querem a gente assim, que a gente pense a partir do medo. E o foda é que isso acaba nos paralisando ou nos fazendo agir na exaustão na maior parte das vezes. Tem que parar de sentir pra poder sobreviver. Tu me disse uma vez que tínhamos que revirar o medo pra existir. É verdade. Só assim pra existir.
>
> — Sim. Eu tô exausta. Tão exausta que não tenho medo de nada. (POLESSO, 2021, p. 75)

Mas é a partir desses afetos, positivos ou negativos, que se organizam estratégias de convivência, de resistência. Na primeira parte, a trajetória de Regina e seu ciclo de relações interpessoais, como Denise, Eugênia e Aline, amigas da família e vizinhas que contribuem para a criação da protagonista após a ida da mãe e posterior morte do pai. E, também, a filha delas, uma das pessoas mais próximas de Regina— ou Dona Norma, a senhora em situação de rua que, no correr da narrativa passa a se abrigar na casa de Regina até que um acidente interrompe sua vida, e Paranoia, a gata, entre outres —, é contada de modo desordenado e não-cronológico. Em capítulos alternados, do mesmo modo, a trajetória de Lupe e sua trupe de circo composta por Lena, Rosca, Bira, e outres personagens que aparecem ocasionalmente, é contada cronologicamente.

---

[5] Emotions can be distinguished as consciously interpreted or narrated affects — "feelings that have found the right match in words" [...]. We must account for our affective lives in more careful terms as we push for a more just, more sustainable world. If affect is unpredictable—a "becoming" with infinite possibilities—then future prospects for research in affect studies are not just exciting but boundless. Whatever directions they take, we suggest these future studies proceed with environments in mind. Surely understanding how affect works—within individuals and between species, as well as in and across various environments, genres, and scales—is a more urgent project than ever. (BLADOW; LADINO, 2018. p. 22)

Na segunda parte, por sua vez, as histórias das personagens compõem o emaranhado de fatos, notícias, devaneios e caos que se instala, funcionando apenas como se fossem meros "vazamentos" de outras dimensões que, paralelas à realidade, interrompem, expandem e são interrompidas por outras. Aqui o caos é o centro, e as personagens e suas relações se emaranham vez ou outra como que para "rejuntar" um mosaico de caquinhos de azulejos destruídos.

Se na primeira e na segunda partes, então, o caos é instalado em dissonância, numa microescala individual, mesmo dadas as relações entre as protagonistas e as gentes com quem convivem, na terceira parte do livro, o caos parece se encaminhar para alguma direção, longe dum horizonte de utopia, de pós-caos, ou de superação, numa perspectiva não-conformista, mas de responsabilização e posicionamento, com alianças de resistência ao caos, de proposta de algo novo diante da impossibilidade de retorno – alinhando-se diretamente com o que propõe discutir Jota Mombaça em *Não vão nos matar agora* (2021). A partir da união e integração a um coletivo, ao que parece queer-feminista, Regina encontra uma forma de repensar e de resistir ao apocalipse e, assim, a um fim. Também Lupe, sua mãe, encontra nos laços queer-afetivos uma forma alternativa de compreender o mundo.

Desse modo, nos últimos dois capítulos, Lupe escreve para Regina, cada qual em seu tempo:

> […] Acho que essa é uma carta pra me despedir de você, Regina. Porque da outra vez que eu fui embora eu não disse nada, não me despedi. Eu só fui. Talvez essa seja a única coisa que eu sinto que seja parecida com um arrependimento, não ter me despedido. […] Não sei se me despeço com amor ou com carinho. Queria te dizer que coragem também é importante. Acho que me despeço com a certeza que eu sinto que queria ter te conhecido melhor. E com o desejo de que tu saiba estar com as pessoas. (POLESSO, 2021, p. 301)

Regina, por sua vez, escreve para mãe:

> […] Acho que não dá mais tempo de sonhar coisas novas, sabe? Acho que esgotamos os sonhos, esses sonhos que aprendemos com o tempo, esse sonhos que herdamos, sonhos do porvir, que uns chamam de premonições. Acho que teremos que fazer o luto dos sonhos e aprender a dormir de novo, aprender a cansar um cansaço que não seja útil para dormir de novo e quem sabe sonhar de novo coisas inéditas. (p. 305)

As reflexões afetivas das duas, assim, se articulam com o que viniciux da silva e isabele froio propõem em seus *fragmentos de um futuro não conforme* (2021). Para elus, organizarmo-nos junto com nossos afetos implicaria numa abolição do mundo ao encarar o trauma. Afeto, assim, tornar-se-ia uma estratégia política, mais do que meros sentimentos (SILVA; FROIO, 2021). Na verdade, mais do que nesses dois trechos, o livro se organiza e se constrói nessa anunciação política a partir dos afetos e das conexões. Se o caos é ferramenta, objetivo e meio, são as conexões que dão sentido e arranjam esse caos, de modo alheio a uma linearidade tempo-espacial.

O tempo do texto não é definido: o futuro se embaraça com o passado a partir das memórias trazidas pelo presente. Do mesmo modo, o espaço não é anunciado. Lugares como o Rio Grande do Sul, Santa Cruz de la Sierra, e Balneário del Rincón são mencionados, mas os trânsitos são mais assinalados que os lugares específicos, o que pode ser observado no seguinte trecho:

> — Aqui. Este lugar é o quê? Quem são essas mulheres e o que acontece aqui?
>
> — É o nosso ponto seguro e estamos recolhendo coisas necessárias para seguir daqui pra Caá Catí e de lá pra Resistência. Depois pra Bolívia, até Santa Cruz de La Sierra. Tem um pessoal lá; não lá, mas perto.
>
> — Até a Bolívia? Onde a gente tá?
>
> Lu pediu que Regina a seguisse até uma mesa, onde havia um mapa.
>
> — Estamos em Nhu Porã, quase na fronteira. Em alguns dias seguimos por aqui - arrastou o dedo -, se nossos contatos disserem que está tudo bem. (POLESSO, 2021, p. 262 e 263)

As personagens, então, parecem ser reimaginadas numa planetariedade (PRATT, 2022), não num mundo novo. Não é a identificação com um local em específico que permite as conexões, mas justamente o estranhamento, o todo, o não-específico que permite que elas se inscrevam nessa ecologia de relações para a resistência num mundo outro.

no mundo desdobrável
a casa não é uma casa
a rua não é uma rua
a espera não é uma pausa
no mundo desdobrável
corre subterrâneo
teu nome em silêncio

(SAAVEDRA, 2021, p. 203)

Mais do que na primeira ou na terceira partes do livro, na segunda, torna-se eficaz a afirmação e a proposição do romance de uma futuridade, de uma elaboração a partir do caos. Nessa parte, recortes de trechos de notícias, reportagens, documentos, artigos e decretos "reais" se articulam com a ficcionalização de fatos e as histórias de Regina e Lupe, sob um narrador-caos que embaralha um emaranhado de vozes dissonantes sob eixos temporais não lineares e não conformados nem com a realidade, tampouco com a ficção.

Fatos como a iminente extinção das abelhas, anunciada a partir de notícias de 2018, somados a releituras do gênesis bíblico, num manifesto contra temporal, e pequenas cenas quotidianas se sobrepõem numa estrutura semelhante às redes sociais contemporâneas, como *Tik Tok*. Na medida que viramos as páginas e novos capítulos/trechos são evidenciados, é como se estivéssemos com nossos "polegares opositores dançando rapidamente sobre nossos *black mirrors* pessoais, intransferíveis e impossíveis de largar [...]" (POLESSO, 2021, p. 201). E é nessa rede que se tudo se embaralha, e se reconstrói num caos anunciado. O objetivo aqui não é recriar o passado a partir da memória, mas evocar essa memória para não repetir, compreender o caos para permanecer e fazer do fim um começo. Criar o novo é a proposta.

Assim, *A extinção das abelhas* propõe não uma utopia, ou uma distopia, mas um texto híbrido — queer, porque não anuncia a esperança de um futuro melhor e sonhado, tampouco o apocalipse causador de um fim de tudo, sem proposição, mas, sim, uma elaboração propositiva de algo novo. O que esse texto faz, desse modo, articula-se com o que Mary Louise Pratt (2021) nomeia como *world-making*:

> [...] *world-making,* sendo as ações, práticas e criações pelas quais pessoas elaboram realidades significativas e estórias para si mesmas a partir de seus engajamentos com o que está ao seu redor, mesmo que tenham que lutar contra circunstâncias hostis. (PRATT, 2021, p. 8)[6]

São criações como o romance de Polesso que, junto a uma miríade de ficções especulativo-climáticas, a exemplo de *Corpos Secos (2019)*[7], *O Deus das Avencas (2021)*[8], e *A Morte e o Meteoro (2019)*[9], permitem propor uma futuridade a partir de um conjunto de responsabilidades em meio ao caos de um mundo interrompido pela globalização colonial extrativista. Em meio a esse emaranhado, uma realidade não é nem um pouco o objetivo. Pelo contrário, quanto mais imaginativa, propositiva e especulativa for a imaginação, mais desafiadora de uma hegemonia. Como afirma Amitav Ghosh (2016), o problema central a ser enfrentado e fraturado para que enfrentemos a crise que se coloca diante de nós é a incapacidade de criar e de imaginar transformações a partir da contação de histórias e da ficcionalização causada pelo capitalismo industrial, que desabilitou seus sujeitos a imaginar, habilitando-os a buscar concretude, empirismo e realismo nas expressões culturais.

no mundo desdobrável
a frase
é também outra frase
e outra frase
e outra frase
e outra
e outra
e outra
frase
até cansar

(SAAVEDRA, 2021, p. 204)

---

6 [...] world-making, meaning the actions, practices, and creations by which people craft meaningful realities and stories for themselves out of their engagements with what is around them, even as they contend with hostile circumstances. (PRATT, 2021. p. 8)
7 GEISLER, Luisa; FERRONI, Marcelo, MACHADO, Samir Machado de; POLESSO, Natalia Borges.
8 GALERA, Daniel.
9 TERRON, Joca Reiners.

A esse desafio, *A extinção das abelhas* responde com seu (des)alinhamento, com um caos, com sua hibridez de gênero, numa proposta completamente queer/cuir para a ficção. Isso porque, ao não se propor a ou não se encaixar especificamente em algum gênero literário ou proposta de rótulo, esse texto possibilita a inserção em uma diversidade de leituras, a depender do ponto de vista, de modo a abranger tudo e nada ao mesmo tempo, tornando-se irreconhecível, híbrido, queer.

Essa proposta é verdade para muitas das ficções contemporâneas que têm sido publicadas nas últimas décadas. Ao centralizar dissidências de gênero e sexualidade em seus novos mundos, afirmando as relações identitárias e as desobediências às normas "sócio-sexuais" como parte de uma ecologia das relações, a ficção contemporânea tem produzido uma tentacularidade de ecologias queer.

Afirmar o (não)espaço da queeridade no meio ambiente, a partir da construção e emaranhamento de teias de relações afetivas, nas ficções especulativas, a exemplo de *A extinção das abelhas*, é propositivo e político: "política é o que fazemos em aliança." (SILVA; FROIO, 2021. p. 2) Assim, o que (essa/a) ficção elabora se circunscreve no que Donna Haraway (2016) propõe como *Chthuluceno*: "um tipo de lugar-tempo para aprender a ficar com o problema de viver e morrer com respons-habilidade em uma terra degradada"(p. 2)[10] , sendo o "ficar com o problema" uma forma de nos tornar capazes, umes com outres, de todas as formas, de uma responsabilização (*response*), o que requer, para Haraway, uma atitude de devir-com recíproca, numa atitude de aliança por um devir não conformado com as estratégias que centralizam o ser-humano ou um capital como agentes principais.

no mundo desdobrável
nada vai a lugar
nenhum
nada vai
nada volta
os seres
já estavam
todos
prontos
num único
ponto

(SAAVEDRA, 2021, p. 205)

Assim, a partir do caos e do emaranhado de relações e alianças, a ficção, aqui, torna-se uma ecologia em si mesma e, por não se conformar com uma definição homogênea ancorada a uma noção cis-heteronormativa, afirmando a pluralidade de existências aquém dos binarismos reducionistas, converte-se em uma ecologia queer propositiva de novas formas de lidar com o caos, sem necessariamente organizá-lo numa esfera dimensional cronológica. A ficção, desse modo, amplia as noções dimensionais, transitando entre elas e a partir, através e apesar delas, funcionando como uma dimensão em si mesma.

Observar esse alcance da ficção, sob a ótica ecoqueer, torna-se produtivo promover um embaralhamento das convenções, transpondo esses novos mundos para uma compreensão que derruba os limites de uma realidade tempo-linear e localizada, derrubando hierarquias, binaridades, rótulos e normatividades. Se esse for realmente o lugar da ficção, a partir dela, faz-se possível uma existência após o fim, por meio das alianças criativas e propositivas. Pensar a ficção como instância produtora de afetos talvez seja a forma de garantir a manutenção da nossa presença no mundo.

no mundo desdobrável
o poeta
é expulso
pelo poema
mola
pássaro
serpentina
de carnaval

(SAAVEDRA, 2021, p. 206)

[10] "a kind of time place for learning to stay with the trouble of living and dying in response-ability on a damaged earth." (HARAWAY, 2023)

Referências

BLADOW, Kyle; LADINO, Jennifer. Toward an Affective Ecocriticism: Placing Feeling in the Anthropocene. *In:* BLADOW, Kyle; LADINO, Jennifer. *Affective Ecocriticism:* Emotion, Embodiment, Environment. Nebraska: University of Nebraska Press, 2018.

BUELL, Lawrence. *Writing for an Endangered World:* Literature, Culture, and Environment in the U. S. and Beyond. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

GHOSH, Amitav. *The Great Derangement:* Climate Change and the Unthinkable. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

HARAWAY, Donna J. *Staying with the Trouble*: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema:* fazer parentes do Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. Words are My Matter: Writings about Life and Books. *In:* LE GUIN. *2000-2016 with a journal of a writer's week*. Easthhampton: Small Beer Press, 2016.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MOORE, Jason W. *Anthropocene or Capitalocene?* Nature, history, and the crisis of capitalism. Oakland. PM Press, 2016.

MORTIMER-SANDILANDS, Catriona; ERICKSON Bruce. *Queer ecologies*: Sex, nature, politics, desire. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

PRATT, Mary Louise. *Planetary Longings*. Durham: Duke University Press, 2022.

SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável*: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SHAW, Jon K.; REEVERS-EVISON, Theo. *Fiction as Method*. Berlin: Sternberg Press, 2017.

SILVA, Vinícius; FROIO, Nicole. Fragmentos de um Futuro não Conforme. *In:* JONATA, *Futuro como ponta de lança*, v. 1, Belo Horizonte: TeAto do Amanhã, 2021.

SPINOZA, Benedictus de. Ética. *In:* SPINOZA, Benedictus de. *Ethics*. v. 52. México: UNAM, 1983.

STEIN, Rachel. *New perspectives on Environmental Justice*: Gender, Sexuality and Activism. New Jersey: Rutgers University Press, 2004.

Mariana Mota Lopes

Doutoranda no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros na Brown University, Providence, Rhode Island, EUA. Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e respectivas literaturas pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Endereço para correspondência

MARIANA MOTA LOPES

159 George Street

Meiklejohn House, 02912

Providence, Rhode Island, EUA

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetidos para validação da autora antes da publicação.